

Um Imperativo Ético

Domingos Fernandes

Há anos que, através da investigação e da reflexão teórica, persistem esforços para compreendermos porque é que a aprendizagem da Matemática continua a ser um problema mal resolvido na generalidade dos sistemas educativos. Como consequência de tais esforços vão-se desenvolvendo acções destinadas a apoiar os alunos nas suas aprendizagens. A discussão em curso acerca do *reajustamento* do Programa de Matemática para o ensino básico, em vigor há mais de 15 anos, exemplifica um esforço que está a ser feito entre nós pois, como muitos reconhecem, é necessário que o currículo daquele nível de ensino seja *claro* nas suas finalidades e objectivos, *consistente* na organização vertical dos temas e capacidades e *aberto* e *inovador* nas perspectivas metodológicas.

Investigações realizadas em Portugal têm mostrado que um número muito significativo de alunos do ensino básico continua a não manifestar gosto em aprender Matemática não desenvolvendo capacidades transversais (e.g., resolução de problemas; raciocínio matemático) e conhecimentos vários relativos aos diferentes domínios do currículo. O número de alunos que, na prática, são considerados incapazes para aprender Matemática continua a ser escandalosamente elevado. Simultaneamente, a investigação tem evidenciado que a natureza das acções pedagógicas e didácticas pode ter uma influência decisiva nas aprendizagens dos alunos. Por isso parece oportuno reflectir e discutir acerca de ideias que melhorem as realidades pedagógico-didácticas das salas de aula e que ajudem os alunos a aprender melhor. Ainda que telegraficamente discutem-se em seguida quatro dessas ideias.

O *paradigma da transmissão* continua a prevalecer largamente nas salas de aula. Isto significa que o desenvolvimento do currículo se faz essencialmente com base no discurso do professor e na passividade dos alunos que praticamente se limitam a *registar* o que lhes é dito. O *paradigma da interacção*, privilegiando a comunicação entre o professor e os seus alunos e entre os próprios alunos, é um importante objectivo a alcançar. O trabalho escolar tem que privilegiar a interacção social porque, no essencial, as aprendizagens são socialmente construídas.

A clássica *ênfase no ensino* tem que dar lugar à *ênfase nas aprendizagens*. Isto significa que as dinâmicas nas salas de aula devem ser mais orientadas para o que os alunos têm que aprender e não exclusivamente para o que os professores têm que fazer. Focar as acções de ensino nas aprendizagens que os alunos têm que desenvolver é fundamental para que eles se envolvam plena e activamente no trabalho escolar.

A terceira ideia refere-se à *selecção de tarefas* a propor aos alunos, componente fulcral do desenvolvimento do currículo. É uma actividade que exige aos professores um significativo esforço de análise e reflexão acerca do programa e dos seus objectivos mais estruturantes. Em geral questiona a utilização rotineira, pouco crítica, *página-a-página*, dos manuais escolares. As tarefas seleccionadas devem ser suficientemente desafiadoras, suscitar a mobilização e a integração de conhecimentos e capacidades, permitir aprendizagens profundas e ser diversificadas.

Finalmente, os processos de ensino, aprendizagem e avaliação devem desenvolver-se integradamente. Esta ideia é de grande alcance porque implica que a *avaliação para apoiar e melhorar* as aprendizagens e o ensino deve constituir o essencial das acções avaliativas de professores e alunos. Nestas condições, a *avaliação para classificar* pode ser mais justa, mais rigorosa e mesmo contribuir para, em certos momentos, apoiar aqueles três processos. Em suma, a avaliação formativa deve estar presente no dia-a-dia das salas de aula; a avaliação sumativa deve ser pontual e, tanto quanto possível, subordinada aos princípios, métodos e conteúdos da avaliação formativa.

As ideias enunciadas implicam que os professores se afastem das perspectivas funcionalistas, tecnicistas e burocráticas de desenvolvimento do currículo e se assumam como intelectuais, como investigadores das suas próprias práticas e como profissionais capazes de reflectir acerca das complexas realidades sociais em que exercem o essencial da sua actividade. É um esforço significativo. Um duro e difícil combate. Um imperativo ético da maior relevância.

Domingos Fernandes

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Univ. de Lisboa